



O Sermão do Monte

Série de Estudos Bíblicos que exploram o “melhor sermão de sempre” para refletir sobre a *práxis* própria dos cidadãos do Reino de Deus...

GBU

Índice

Apresentação	4
Dicas Práticas	7
Estudo 1 - Felicidade (Mt 5:1-16)	8
Estudo 2 - A vontade de Deus (Mt 5:17-48)	11
Estudo 3 - Espiritualidade Genuína (Mt 6:1-18)	15
Estudo 4 - Prioridades (Mt 6:19-34)	18
Estudo 5 - O essencial (Mt 7:1-14)	21
Estudo 6 - Pseudo Cátedras (Mt 7:15-23)	24
Estudo 7 - Alicerces (Mt 7:24-29)	27

Apresentação

Conta-se a história de um palestrante que um dia, talvez num púlpito, num auditório ou numa praça pública, terá agarrado no microfone e iniciado a sua intervenção com uma tirada muito pretensiosa: “hoje vocês vão ouvir da minha boca o melhor sermão de sempre!” Dito isto, o palestrante abriu o livro que trazia consigo, de capa preta e letras douradas na capa, e leu um trecho desse livro ao longo de vários minutos:

“Felizes os que têm espírito de pobres, porque é deles o reino dos céus!
Felizes os que choram, porque Deus os consolará!

(...)

(...)

(...)

Caiu muita chuva, vieram as cheias e os ventos sopraram com força contra aquela casa. Ela caiu e ficou arruinada.”

Leu, de ponta a ponta, esse trecho escrito há quase 2 mil anos e que hoje conhecemos como o Sermão do Monte. Depois de ler, largou o microfone e sentou-se. O sermão estava dado.

Será que este palestrante tinha razão? É este o melhor sermão de sempre?

O Sermão do Monte, localizado ali nos capítulos 5, 6 e 7 do evangelho de Mateus, constitui uma condensação de uma parte substancial do ensino de um professor judeu (*aka* Rabi) que ficou conhecido como Jesus de Nazaré. Este professor ensinava, de certo modo, de acordo com a cultura “académica” daquele tempo, se bem era muito peculiar nos critérios usados para selecionar os seus pupilos. Por exemplo, escolheu uma boa parte dos seus estudantes de entre os pescadores, os cobradores de impostos, as classes baixas e ostracizadas daquele tempo. Jesus não selecionava necessariamente aqueles que tinham tido nota mais alta no exame nacional..

Este professor ensinava os seus pupilos acerca da chegada do Reino de Deus— uma boa notícia que era também proclamada abertamente à população como um todo! Esta notícia gerava grande expectativa entre aquela população judaica, pois estava sob o domínio opressor do império romano e da cultura grega e aguardava ansiosa que o seu Deus providenciasse a libertação e a restauração de Israel. O “Reino de Deus” seria, pois, esse Israel independente, restaurado, dono e senhor da sua terra e livre da influência pagã. Muitos judeus até estavam preparados para pegar em armas e para iniciar uma revolução violenta que culminasse na expulsão dos romanos e na instauração do Reino. Eles esperavam apenas pela figura política e/ou militar que os iria liderar nessa revolução. Seria este professor essa figura?

Bom, o Sermão do Monte evidencia, claramente, que o ensino de Jesus não poderia culminar numa revolução armada. Este professor está interessado em promover um tipo de revolução que incide antes no interior das pessoas, no coração humano, de onde procedem maus pensamentos, crimes, imoralidades, juramentos falsos, etc. (cf. Mateus 15:19). O Reino proclamado é de uma natureza distinta dos reinos terrestres (como revelado nas parábolas de Mateus 13). E o Sermão do Monte parece ser uma espécie de currículo que os estudantes devem escutar, encaixar e viver na prática, de modo a serem, de facto, cidadãos desse Reino. No âmago do Sermão encontramos um repto penetrante: “Procurem primeiro o Reino de Deus e a sua vontade...” (Mateus 6:33). O ensino de Jesus em Mateus 5-7 pode ser visto, precisamente, como uma explanação do que significa ter o Reino de Deus como prioridade máxima, ou seja, ter como identidade fundamental a cidadania num Reino que contrasta tanto com os reinos deste mundo (cf. João 18:36).

Num outro nível, o Sermão do Monte insere-se na tradição da literatura de sabedoria judaica. Tal literatura coloca o ouvinte diante da escolha entre sabedoria e estultícia, sensatez e insensatez, bem-aventurança e desgraça. Em sentido figurado, a sabedoria clama nas praças prometendo felicidade a quem queira escutar a sua voz: “E agora, meus filhos, escutem o que vos digo! Serão felizes, se seguirem as minhas orientações. Não rejeitem as minhas advertências! Escutem-nas e tornar-se-ão sábios” (Provérbios 8:32-33). De igual modo, Jesus desafia a audiência a escutar e praticar as suas palavras, pois esse é o caminho para a sabedoria e para a felicidade: “Todo aquele que ouve as minhas palavras e as põe em prática pode comparar-se ao homem sensato que construiu a sua casa sobre a rocha...” (Mateus 7:24).

Ainda num outro nível, o Sermão do Monte é também uma exposição da forma como Jesus interpreta e filtra a Lei de Moisés, a chamada Torah. Moisés havia sido o grande professor catedrático da história de Israel, ainda muito estudado e extremamente prezado entre os judeus do século I. Digamos que tinha sido ele a desenhar o currículo e a escrever os manuais mais fundamentais dos cursos universitários que os especialistas judeus frequentavam naquele tempo. Por isso, os professores judeus comentavam o ensino de Moisés (na realidade, comentavam o Antigo Testamento como um todo¹), havendo várias escolas de interpretação (várias escolas rabínicas) que discutiam e propunham como é que aquele ensino podia ser aplicado na vida religiosa e na vida prática dos judeus daquele tempo. É também isto que Jesus faz no Sermão do Monte, em particular por meio da fórmula: “ouviram o que foi dito aos antigos... mas eu digo-vos...”

¹ Num sentido estrito, Lei ou Torah refere-se ao Pentateuco, os 5 primeiros livros das Escrituras hebraicas, contudo sabe-se que os judeus usavam informalmente a designação de Lei para se referirem a todo o Antigo Testamento, incluindo profetas, livros históricos e livros poéticos.

Podemos até dizer que, com grande destreza literária, o autor do evangelho de Mateus apresenta Jesus como uma espécie de novo Moisés e o ensino de Jesus como uma espécie de interpretação definitiva e final da Torah. Isto é patente na narrativa deste evangelho que coloca Jesus a ensinar a partir de um *monte*, estabelecendo um paralelismo com a forma como, no tempo antigo, a Lei foi dada a Moisés no Monte Sinai (Êxodo 19-24). É também patente quando, já na reta final do Sermão, Jesus profere a parábola das casas construídas sobre a rocha e sobre a areia que traz à memória a dicotomia que Moisés tinha anunciado a respeito da Lei: podemos observar a Lei e ser abençoados ou violar a Lei e sofrer as consequências negativas (Deuterónimo 11:26-28). Só que agora, na conclusão do Sermão, as palavras de Jesus é que são o critério que conduz à bênção ou à maldição, à vida ou à morte! Jesus apresenta-se como sendo o professor com mais autoridade na matéria!

Bem, na realidade, muitos judeus não gostaram do ensino de Jesus nem do tipo de Reino que ele proclamou. Por isso, “cancelaram-no”—o que, no caso, é um eufemismo! Este professor foi chamado à presença dos professores doutores na reitoria e ali foi acusado de ensinar um currículo inaceitável. O conluio de várias autoridades fez com que fosse condenado à pena de morte e, por fim, executado. Mas, surpreendentemente, os seus pupilos afirmam que ele ressuscitou e—pasmem—se!—que ele é de facto Rei, Rei sobre todas as coisas.

Em que medida é que nós cremos nisto? Será que aquele professor executado num instrumento de tortura romana é, na realidade, o Rei da História e do Cosmos? Será que o Reino que ele proclamou é, na realidade, mais real, mais importante, mais espetacular do que qualquer reino ou projeto humano? Será que há uma forma de viver em consonância com esse Reino que é estranha, contracultural, difícil mas que conduz à “felicidade” porque está de facto alinhada com aquilo que fomos criados para ser?

Se acreditas ou desconfias que as respostas a estas perguntas podem ser afirmativas, então também podes acreditar ou desconfiar que o Sermão do Monte é o melhor sermão de sempre—e é também para ti. Foi proferido e escrito há dois milénios para ensinar aqueles pupilos a serem cidadãos do Reino de Deus, mas continua a desafiar-nos e a ser extremamente relevante no contexto atual, numa época de grande polarização e fragmentação social, com muitas ideologias e projetos que clamam pela nossa lealdade mas que podem chocar com a nossa cidadania no Reino de Deus e corromper de forma profunda a nossa identidade fundamental enquanto súbditos de um Rei Maior. Ouçamos pois o que o Rei-Professor quer ainda hoje ensinar por meio do melhor sermão de sempre.

Esta série de estudos bíblicos é disponibilizada no 2º semestre do ano letivo 2024-2025 em que, no âmbito do Plano de Formação do GBU, abordamos o tema da *Praxis Cristã*.

Dicas Práticas

Os estudos bíblicos aqui coligidos não têm um caráter estritamente indutivo, mas optamos por seguir o procedimento EPA - Espreita, Percebe e Aplica - habitualmente usado para os estudos bíblicos indutivos (EBIs) de modo a facilitar o uso deste recurso por parte dos núcleos e dos grupos do GBU habituados aos EBIs.

O método EPA em três passos, com dicas para uma boa gestão do estudo pensando numa duração efetiva de 50 minutos:

Espreita (10 minutos): perguntas sobre aquilo que o texto diz; não o que eu penso que diz, não o que tu pensas que diz, não o que ouvimos dizer que diz, mas aquilo que realmente diz! (as respostas às perguntas podem ser um pouco óbvias, mas ficarás surpreendido com a facilidade com que nos afastamos subtilmente das palavras que estão escritas); podes fazer esta parte pedindo a participação de todos os presentes no núcleo, cada um respondendo à vez a uma questão. São respostas diretas e que não devem dar origem a debate, uma vez que a próxima etapa é especificamente destinada a isso.

Percebe (20 minutos): perguntas sobre o significado ou a interpretação daquilo que já percebemos que o texto diz. É uma parte que normalmente suscita bastante o debate, por isso, se estiveres a dirigir o estudo, tenta manter o grupo focado no que se está a discutir e a não dispersar muito (nem a ficar eternamente na mesma questão).

Aplica (20 minutos): perguntas sobre a forma de viver hoje aquilo que entendemos do texto. É um momento mais de partilha pessoal, em que cada pessoa apresenta a sua perspetiva, tendo em conta a sua experiência e visão das coisas.

Estudo 1 - Felicidade

Texto-Bíblico: Mateus 5:1-16

1 Ao ver a multidão, Jesus subiu ao monte. Sentou-se e os seus discípulos foram para junto dele. 2 Jesus começou então a ensiná-los desta maneira:

3 «Felizes os que têm espírito de pobres, porque é deles o reino dos céus!

4 Felizes os que choram, porque Deus os consolará!

5 Felizes os humildes, porque terão como herança a Terra!

6 Felizes os que têm fome e sede de ver cumprida a vontade de Deus, porque Deus os satisfará!

7 Felizes os que usam de misericórdia para com os outros, porque Deus os tratará com misericórdia!

8 Felizes os íntegros de coração, porque hão de ver Deus!

9 Felizes os que promovem a paz, porque Deus lhes chamará seus filhos!

10 Felizes os que são perseguidos por procurarem que se cumpra a vontade de Deus, porque é deles o reino dos céus!

11 Felizes serão quando vos insultarem, perseguirem e caluniarem, por serem meus discípulos!

12 Alegrem-se e encham-se de satisfação porque é grande a recompensa que vos espera no céu. Pois assim também foram tratados os profetas que vos precederam.»

13 «Vocês são o sal do mundo. Mas se o sal perder as suas qualidades, poderá novamente salgar? Já não presta para nada, senão para se deitar fora e ser pisado por quem passa.

14 Vocês são a luz do mundo. Uma cidade situada no alto de um monte não se pode esconder. 15 Também não se acende um candeeiro para o pôr debaixo da caixa. Pelo contrário, põe-se mas é num lugar em que alumie bem a todos os que estiverem em casa. 16 Do mesmo modo, façam brilhar a vossa luz diante de toda a gente, para que vejam as vossas boas ações e deem louvores ao vosso Pai que está nos céus.»

ESPREITA

1. Lê o texto bíblico e identifica palavras ou expressões repetidas.

2. De acordo com Jesus, as pessoas *felizes* distinguem-se por que tipo de características e/ou atitudes?

3. Cada afirmação de Jesus sobre pessoas felizes (ou seja, cada bem-aventurança) tem duas partes: uma indicação das características e/ou atitudes das pessoas felizes e uma explicação do porquê dessa felicidade. Achas que há alguma relação entre a primeira e a segunda parte de cada uma das afirmações de Jesus? Qual é o fator comum a todas as segundas partes dessas afirmações?

4. Que assunto é destacado nos versículos 10 a 12?

5. Nos versículos 13-16 Jesus usa três metáforas para exortar os seus pupilos. Que metáforas são essas e qual é o assunto central destes versículos?

PERCEBE

1. Recordemos que Jesus está a falar para pessoas que viviam sob o domínio de um império inimigo, opressivo, muitas vezes abusador. Como é que achas que os ouvintes reagiam ao ensino de Jesus sobre a felicidade? Que tipo de emoções é que imaginas que se acendiam no interior da audiência original deste sermão?

2. Relê o versículo 5. A palavra traduzida aqui por humildes vem do grego *praus* e surge noutras traduções como “mansos”. Pode parecer um sinónimo de fraqueza, mas, pelo contrário, está associada a um uso controlado, regulado, gentil e humilde da força (mesmo quando a pessoa tem, de facto, muita força ou poder). Jesus afirma que aqueles que cultivam esta virtude “terão como herança a Terra”. Como é que interpretas esta afirmação num contexto em que muitos judeus queriam pegar em armas e iniciar uma revolução violenta para recuperar a terra?

3. No versículo 12, Jesus afirma que aqueles que são perseguidos por serem seus pupilos fazem parte de uma história maior, pois muitos outros foram perseguidos antes deles, incluindo muitos profetas. A quem é que Jesus se está a referir? Aproveitem para fazer uma breve recapitulação da história de Israel. E em que medida é que aqueles pupilos experimentaram esta realidade na pele?

4. Haverá alguma relação entre viver as bem-aventuranças e ser “sal” e “luz”? Ou, reformulando a pergunta, a partir das bem-aventuranças o que significa ser sal que “não presta para nada” e luz colocada “debaixo da caixa”?

5. À luz deste texto, o que é que significa procurar primeiro o Reino de Deus?

APLICA

1. Qual das bem-aventuranças mais te consola? E qual é que mais te desafia?

2. Como é que a nossa sociedade e, em particular, a cultura académica vê a felicidade? Há pontos de convergência com aquilo que Jesus ensina ou apenas pontos de contraste?

3. Há alguma situação no contexto académico em que já tenhas sofrido perseguição ou estejas a sofrê-la por queres seguir Jesus nesse contexto? Ou conheces alguém que esteja a passar por isso? Esta é uma oportunidade para a partilha sobre essa realidade difícil. Se o grupo assim desejar, podem tirar tempo para orar por aqueles que sofrem perseguição. Podem incluir estudantes cristãos em países onde a perseguição é real, constante, feita às claras. Em quase todos os países com regimes hostis ao cristianismo há grupos clandestinos afiliados à IFES (rede global de GBUs). Intercedam por esses estudantes para que possam experimentar a estranha felicidade que Jesus refere neste Sermão!

4. À luz deste estudo, o que é que pode significar ser sal que salga e luz que ilumina a tua Universidade? O versículo 16 fala em “boas ações”. Ora e discerne se, depois deste estudo, Deus te quer levar a ter alguma “boa ação” em benefício dos teus colegas, professores ou funcionários da Universidade.

Estudo 2 - A vontade de Deus

Texto-Bíblico: Mateus 5:17-48

17 «Não pensem que vim anular a Lei de Moisés ou o ensino dos profetas. Não vim para anular mas para dar cumprimento. 18 Saibam que enquanto o Céu e a Terra existirem, nem uma letra, nem sequer um acento se hão de tirar da lei, sem que tudo se cumpra. 19 Por isso quem desobedecer ainda que seja a um só destes mandamentos mais pequenos e ensinar os outros a fazerem o mesmo, será considerado o menor no reino dos céus. Mas aquele que obedecer à lei e ensinar os outros a fazerem o mesmo, será tido por grande no reino dos céus. 20 Digo-vos mais: vocês não entrarão de maneira nenhuma no reino dos céus, se não cumprirem a vontade de Deus com mais fidelidade do que os doutores da lei e os fariseus.»

21 «Ouviram o que foi dito aos antigos: Não matarás. E ainda: Aquele que matar alguém terá de responder em julgamento. 22 Mas eu digo-vos: Todo aquele que se irritar contra o seu semelhante terá de responder em julgamento; aquele que insultar o seu semelhante, chamando-lhe “imbecil”, será julgado pelo tribunal; e aquele que lhe chamar “estúpido” merece ir para o fogo do inferno. 23 Por isso, quando fores ao templo levar a tua oferta a Deus, e ali te lembrares que o teu semelhante tem alguma razão de queixa contra ti, 24 deixa a oferta diante do altar e vai primeiro fazer as pazes com o teu semelhante. Depois volta e apresenta a tua oferta. 25 Faz as pazes com o teu adversário enquanto vão os dois a caminho do tribunal. Senão o adversário entrega-te ao juiz, este entrega-te ao oficial de justiça e metem-te na cadeia. 26 Garanto-te que não saís de lá enquanto não pagares o último cêntimo.»

27 «Ouviram o que foi dito: Não cometerás adultério. 28 Mas eu digo-vos: Todo aquele que olhar para uma mulher com más intenções já cometeu adultério no seu coração. 29 Portanto, se o teu olho direito te leva a pecar, arranca-o e atira-o para longe de ti. Mais vale perderes uma parte do teu corpo do que ele ser todo inteiro lançado no inferno. 30 De igual modo, se a tua mão direita te leva a pecar, corta-a e atira-a para longe de ti. Mais vale perderes uma parte do teu corpo do que ele ir todo inteiro para o inferno.»

31 «Também foi dito: Todo o homem que se divorciar da sua mulher deve passar-lhe uma declaração. 32 Mas eu digo-vos: Todo o homem que se divorciar da sua mulher, exceto no caso de adultério, é culpado de a expor ao adultério. E o homem que casar com ela também comete adultério.»

33 «Também ouviram o que foi dito aos antigos: Não farás juramentos falsos, mas cumprirás diante do Senhor o que juraste. 34 Mas eu digo-vos que não devem jurar de modo nenhum. Não jurem pelo Céu, porque é o trono de Deus; 35 nem pela Terra, porque é o estrado para os seus pés; nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande Rei. 36 Nem mesmo pela tua cabeça deves jurar,

porque não és capaz de tornar um só dos teus cabelos branco ou preto. 37 Basta que digas sim, quando for sim, e não, quando for não. Tudo o que vai além disso é obra do Maligno.»

38 «Ouviram o que foi dito: Olho por olho e dente por dente. 39 Mas eu digo-vos: Não resistam a quem vos fizer mal. Se alguém te bater na face direita, apresenta-lhe também a outra. 40 Se alguém te quiser levar a tribunal para te tirar a camisa, dá-lhe também o casaco. 41 Se alguém te obrigar a levar alguma coisa até a um quilómetro de distância, acompanha-o dois quilómetros. 42 Se alguém te pedir qualquer coisa, dá-lha; e a quem te pedir emprestado não lhe voltes as costas.»

43 «Ouviram o que foi dito: Amarás o teu próximo e desprezarás o teu inimigo. 44 Mas eu digo-vos: Tenham amor aos vossos inimigos e peçam a Deus por aqueles que vos perseguem. 45 É deste modo que se tornarão filhos do vosso Pai que está nos céus, porque ele faz brilhar o Sol tanto sobre os bons como sobre os maus, e faz cair a chuva tanto para os justos como para os injustos. 46 Se amarem apenas aqueles que vos amam que recompensa poderão esperar? Não fazem também isso os cobradores de impostos? 47 E se saudarem apenas os vossos amigos, que há nisso de extraordinário? Qualquer pagão faz o mesmo! 48 Portanto, sejam perfeitos como o vosso Pai celestial é perfeito.»

ESPREITA

1. Lê o texto pausadamente. Se considerarmos que os versículos 17 a 20 dão o enquadramento a todo este texto, qual é o assunto central do texto?
2. Identifica com uma única palavra o assunto principal que Jesus trata em cada bloco, o que “foi dito” no passado relativamente a esse assunto, e o que Jesus diz agora. Podem organizar a informação numa tabela:

Versículos	Assunto	“O que foi dito”	O que Jesus diz
21-26			
27-32			
33-37			
38-42			
43-48			

3. De uma forma geral, Jesus divide os ouvintes em dois grupos, os que entram no reino dos Céus e os que não entram (representados pelos doutores da Lei e fariseus). Como é que se caracterizam estes dois grupos de acordo com os

versículos 19 e 20? Qual dos grupos está mais em consonância com “o que foi dito” e qual está mais em consonância com o que Jesus diz?

PERCEBE

Nota: “O que foi dito” é, em cada caso, uma prescrição vinda diretamente do Antigo Testamento. Por exemplo, as proibições de homicídio e de adultério são preceitos incluídos nos 10 mandamentos. Algumas das prescrições citadas por Jesus assentam no Antigo Testamento mas contêm nuances vindas da tradição oral do judaísmo daquele tempo, como era o caso do juramento por isto e por aquilo (pelo templo, Jerusalém, trono de Deus, etc.). A prescrição de “desprezar os inimigos” (noutras traduções, “odiar os inimigos”) não é encontrada no Pentateuco mas é muito possível que os judeus a deduzissem dos salmos (ver Salmo 139:21-22). Importa referir que era comum designar por Lei a totalidade do Antigo Testamento, ainda que o termo diga respeito mais diretamente ao Pentateuco.

1. Compara “o que foi dito” com o que Jesus diz. Qual das colunas te parece mais exigente?

2. Volta a olhar para cada um dos assuntos e para o que Jesus diz, à luz do contexto daqueles ouvintes (lembra-te que eles estavam sob a opressão do império romano e da cultura helénica e pagã). Qual das instruções de Jesus te parece mais difícil e mais contra-cultural naquele contexto? (Não há necessariamente uma resposta certa, este é um exercício para te colocares na pele daqueles ouvintes e tentares imaginar o que é que sentiriam ao escutar o ensino de Jesus!)

3. O Sermão do Monte revela como ser, em primeiro lugar, um cidadão do Reino dos Céus. De acordo com este texto, que características é que os cidadãos deste Reino devem cultivar em si mesmos?

4. Será que o ensino de Jesus é legalista? Ou seja, será que ele apresenta o desafio de cumprir a Lei—e ainda por cima numa versão bem exigente—pelos nossos próprios esforços? Tenta responder à luz dos seguintes elementos:

- a promessa de Jeremias 31:31-34;
- o agente que concretiza essa promessa (quem é que grava a lei no interior dos homens?);
- a afirmação do Novo Testamento de que Jesus é o culminar da Lei e dos profetas (Lucas 24:27).

APLICA

1. Considera agora o contexto da Universidade. Consegues pensar em situações em que o que Jesus diz em Mateus 5:17-48 pode ser aplicado ao meio académico? Podem organizar a resposta numa tabela:

Versículos	O que Jesus diz	Aplicação na Universidade
21-26		
27-32		
33-37		
38-42		
43-48		

2. De tudo o que Jesus diz, qual é a parte que te parece mais difícil de viver hoje em dia na prática?

3. Vivemos na era das redes sociais e há por vezes uma fragmentação entre o mundo virtual e o mundo real. Até que ponto é que o mundo virtual torna mais comum os insultos gratuitos (“imbecil”, “estúpido” ou coisa pior) e a falta de integridade no falar (dizemos sim, quando é não, e dizemos não, quando é sim)? Tirem um bocadinho para refletir e conversar sobre este assunto. Como é que o cidadão do Reino dos Céus consegue praticar “o que Jesus diz” até mesmo nas redes sociais?

4. Face à violência e à opressão parece que só temos duas opções: responder na mesma moeda ou aceitar cabisbaixos e passivos o papel de vítima e ficar a remoer o ressentimento que nasce dessa condição. Mas nos versículos 38-42, Jesus sugere uma terceira possibilidade, uma “terceira via”. Em que contextos do mundo atual é que esta “terceira via” pode fazer sentido? Será que há alguma situação da tua própria vida em que Jesus te convida a desbravar caminho alternativo para lá das opções óbvias do “olho por olho” e do não fazer nada?

“O refrão repetido por Jesus ‘ouviram o que foi dito.. mas eu digo-vos’, opõe as interpretações superficiais do comportamento moral à verdadeira vontade de Deus. Jesus não está a apontar para uma maneira nominal de observar metodicamente certas regras, mas está sim a redefinir o que realmente significa cumprir as exigências da Lei; é algo que procede do coração, não é meramente comportamental. Alimentar maus pensamentos no coração é a mesma coisa que cometer os atos em causa.” (Elaine Storkey, *Meeting God in Matthew*, SPCK, 2022, p. 51)

5. Corações! Este é o território onde o Reino dos Céus se expande primeiramente. Lê também Ezequiel 36:26-27. Tira um tempo para refletir a sós com Deus sobre o teu coração; concede-lhe acesso a esse terreno para que Ele possa tirar as ervas daninhas e cultivar em ti “o que Jesus diz”, ou seja, os valores do Reino dos Céus, ou seja, a vontade de Deus!

Estudo 3 - Espiritualidade Genuína

Textos-Bíblicos: Mateus 6:1-18

1 «Quando praticarem o bem, procurem não o fazer diante dos outros para dar nas vistas. Se assim fizerem, já não terão nenhuma recompensa a receber do vosso Pai que está nos céus.

2 Portanto, quando deres esmola, não faças alarde à tua volta, como é costume das pessoas fingidas, nas sinagogas e nas ruas, para serem elogiadas. Garanto-vos que essas pessoas já receberam a sua recompensa. 3 Mas tu, quando deres esmola, procura que a tua mão esquerda nem saiba o que faz a direita. 4 Deste modo, a tua esmola ficará em segredo; e o teu Pai, que vê o que se passa em segredo, há de recompensar-te.»

5 «Quando orarem, não façam como as pessoas fingidas que gostam de orar de pé, nas sinagogas e às esquinas das ruas, para toda a gente as ver. Garanto-vos que essas pessoas já receberam a sua recompensa. 6 Tu, porém, quando quiseres fazer oração, entra no teu quarto, fecha a porta e ora a teu Pai que está presente sem ser visto. E o teu Pai, que vê o que se passa em segredo, há de recompensar-te.

7 Quando orarem, não usem muitas palavras, como fazem os pagãos, que pensam que é por muito falarem que serão mais facilmente ouvidos. 8 Não sejam como eles pois o vosso Pai sabe muito bem do que vocês precisam, antes de lho pedirem. 9 Portanto, devem orar assim:

“Pai nosso que estás nos Céus,
Santificado seja o teu nome;

10 venha o teu reino;
seja feita a tua vontade,
assim na Terra como no Céu.

11 Dá-nos hoje o pão de que precisamos.

12 Perdoa-nos as nossas ofensas,
como nós perdoámos aos que nos ofenderam.

13 E não nos deixes cair em tentação,
mas livra-nos do Maligno, [porque teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Ámen!]”

14 De facto, se perdoarem aos outros as suas ofensas, o vosso Pai celestial também vos perdoará. 15 Mas se não perdoarem aos outros, o vosso Pai também vos não perdoará.»

16 «Quando jejuarem não andem de cara triste, como as pessoas fingidas, que até desfiguram a cara para toda a gente ver que andam a jejuar. Garanto-vos que essas pessoas já receberam a sua recompensa. 17 Mas tu, quando jejuares, lava a cara e penteia-te bem. 18 Deste modo, ninguém saberá que andas a jejuar, a não ser o teu Pai que está presente sem ser visto. Ele, que vê tudo o que se passa em segredo, te dará a recompensa.»

ESPREITA

1. Lê o texto pausadamente e assinala as palavras ou expressões que são repetidas.
2. Nesta porção de ensino, o professor contrasta a forma como diversas práticas espirituais são vividas em duas “escolas” distintas, a escola dos seus discípulos e uma outra escola caracterizada por “pessoas fingidas”. Preenche a tabela seguinte como sumário deste ensino:

Versículos	Prática Espiritual	“Pessoas fingidas”	Discípulos de Jesus
1			
2-4			
5-15			
16-18			

3. Nos vv. 9-13 encontramos uma das mais famosas passagens bíblicas, conhecida como a oração do Pai Nosso, uma oração-modelo por meio da qual Jesus ensina os seus alunos a falar com o Pai. Indica, por palavras tuas e de modo muito sucinto, qual o assunto principal de cada parte desta oração (por exemplo, versículo a versículo).

PERCEBE

1. Quem eram as “pessoas fingidas” a que Jesus se refere? O que sabemos sobre esse grupo de pessoas e sobre a forma como se opuseram ao ensino de Jesus sobre o Reino de Deus? Espreita Mateus 23:13-28 para ajudar a responder.
2. De que tipo de recompensa é que Jesus estará a falar relativamente às pessoas fingidas? E relativamente aos seus discípulos?
3. Para lá das quatro práticas espirituais referidas diretamente por Jesus, a oração do Pai Nosso apresenta uma quinta prática que se torna central na espiritualidade genuína à qual são convidados os cidadãos do Reino de Deus. Qual é essa prática? (vv. 14-15) Com base no Sermão do Monte e no que conheces da realidade daquele tempo, será que as “pessoas fingidas” praticavam essa prática?
4. Os versículos 14-15 mostram que a prática do perdão surge como algo absolutamente central nesta oração. Como é que interpretas essa centralidade e as palavras aparentemente duras de Jesus nestes versículos? O excerto seguinte pode ajudar a responder:

“A oferta de perdão por parte de Jesus era em si mesma uma forma de dizer que o reino estava a principiar por meio do seu ministério. De modo idêntico, a exigência de Jesus acerca do perdão mútuo entre os seus seguidores não deve ser vista meramente como parte de uma agenda ética abstrata. (...) Os seguidores de Jesus foram agregados pelo facto de que ele estava a concretizar, enfim, o retorno do exílio, o perdão dos pecados [de Israel]. Não perdoar uns aos outros seria assim uma forma de negar que este evento grandioso e tão esperado estava de facto a acontecer (...) Esta é, eu sugiro, a explicação para os avisos que de outro modo são tão surpreendentemente duros acerca daqueles que, não perdoando, também não são perdoados. (...) A exigência de Jesus acerca do perdão era parte da sua definição da nova família, do novo povo de Deus. (...) Como tal, essa exigência pertence ao âmago da oração que ele deu aos seus discípulos, a oração que, tal como muitos estudiosos têm apontado, constitui ela própria um elemento-chave da *praxis* simbólica dos seguidores de Jesus, definindo-os em contraste com outros movimentos do judaísmo, reivindicando para eles o estatuto de serem o povo do Reino, o povo do perdão, os verdadeiros filhos e filhas do Deus de Israel.” (N. T. Wright, *The Challenge of Jesus*, IVP, 1999, p. 70)

5. Pensemos no contexto daquele tempo: o povo judeu vivia sob opressão romana. Como é que achas que os ouvintes reagiam ao ensino de Jesus naquelas circunstâncias? Que pensamentos e emoções é que este ensino suscitaria naquela audiência?

APLICA

1. Na era das redes sociais temos uma vida muito exposta, muito pública e muito sujeita às doses de satisfação e dopamina produzidas pelas constantes notificações. De que formas é que isto pode afetar as nossas práticas espirituais? Que tipo de entraves é que o mundo online causa à espiritualidade genuína? Será que corremos o risco de usar as redes para “fazer alarde à nossa volta”?

2. Também a vida académica pode apresentar-nos a tentação de sermos pessoas “fingidas”, com máscaras, com subterfúgios (porque afinal também nós temos de lutar contra o nosso próprio farisaísmo). Reflitam e discutam em grupo de que formas é que a vida académica pode colocar entraves à espiritualidade genuína.

3. [Individual] Será que este estudo traz ao teu coração alguém a quem precisas de perdoar? Tira um momento para refletir e orar sobre isto.

4. [Sugestão para exercício em grupo] Façam uma paráfrase da oração do Pai-Nosso adaptada à realidade da Universidade. Uma oração que seja reflexo da intenção de viver como cidadãos do Reino de Deus no contexto universitário.

Estudo 4 - Prioridades

Textos-Bíblicos: Marcos 6:19-34

19 «Não se preocupem em juntar riquezas neste mundo, onde a traça e a ferrugem destroem e onde os ladrões assaltam e roubam. 20 Preocupem-se antes em juntar riquezas no céu, onde não há traça nem ferrugem para as destruir, nem ladrões para assaltar e roubar. 21 Onde estiver a vossa riqueza, aí estará o vosso coração.»

22 «A luz do corpo são os olhos. Por isso, se o teu olhar for bom, todo o teu corpo tem luz. 23 Mas se o teu olhar for mau, todo o teu corpo fica às escuras. Ora se a luz que há em ti não passa de escuridão, que grande será essa escuridão!»

24 «Ninguém pode servir a dois patrões: ou não gosta de um deles e estima o outro, ou há de ser leal para um e desprezar o outro. Não podem servir a Deus e ao dinheiro.»

25 «É por isso que eu vos digo: Não andem preocupados com o que hão de comer ou beber, nem com a roupa de que precisam para vestir. Não será que a vida vale mais do que a comida e o corpo mais do que a roupa? 26 Olhem para as aves do céu, que não semeiam, nem colhem, nem amontoam grão nos celeiros. E no entanto, o vosso Pai dá-lhes de comer. Não valem vocês muito mais do que as aves? 27 Qual de vós, por mais que se preocupe, poderá prolongar um pouco o tempo da sua vida?

28 E por que hão de andar preocupados por causa da roupa? Reparem como crescem os lírios do campo! E eles não trabalham nem fiam. 29 Contudo digo-vos que nem o rei Salomão, com toda a sua riqueza, se vestiu como qualquer deles. 30 Ora se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é queimada, quanto mais vos há de vestir a vocês, ó gente sem fé?

31 Não andem preocupados a dizer: “Que havemos de comer? Que havemos de beber? Que havemos de vestir?” Os pagãos, esses é que se preocupam com todas essas coisas. O vosso Pai celestial sabe muito bem que vocês precisam de tudo isso. 32 Procurem primeiro o reino de Deus e a sua vontade e tudo isso vos será dado. 34 Portanto, não devem andar preocupados com o dia de amanhã, porque o dia de amanhã já terá as suas preocupações. Basta a cada dia a sua dificuldade.»

ESPREITA

1. Lê o texto pausadamente e assinala as palavras ou expressões que são repetidas.
2. Mesmo sendo um texto rico, com muitas matizes e conteúdo, achas que é possível indicar um assunto chave neste texto? Se achas que sim, tenta definir esse assunto numa só palavra ou expressão.

3. O texto utiliza pelo menos dois recursos estilísticos: as comparações dicotômicas nos vv. 19-24 e as perguntas retóricas nos vv. 25-34. Encontra e analisa brevemente estes recursos: como é que são usados e que efeito é que produzem em quem lê o texto.

4. Tal como em porções anteriores do Sermão do Monte, encontramos aqui uma comparação entre as práticas dos pagãos e as práticas dos cidadãos do reino de Deus. De acordo com este texto, de que modo é que estas práticas diferem?

PERCEBE

1. À luz dos estudos que temos vindo a fazer no Sermão do Monte, o que é que pode significar “juntar riquezas no céu”? (Podemos também notar que Jesus usa uma expressão semelhante em Mateus 19:21).

2. Como é que interpretas o binómio luz/escuridão associado ao olhar (versículos 22-23)? Tem em atenção o contexto destes versículos (preocupações materiais, ajuntar riquezas, etc.). Se quisermos relacionar este ensino com os 10 mandamentos (Êxodo 20), qual dos mandamentos está mais próximo destes versículos?

3. Neste texto, Jesus incentiva repetidamente os seus pupilos à estranha prática da despreocupação. Em que certezas e promessas é que essa prática se fundamenta? Será que a despreocupação equivale à inação e ao ócio (podes recordar outros textos bíblicos que ajudem a responder a esta questão)?

4. O que significa “procurar primeiro o reino de Deus”? Podem refletir e conversar sobre isto à luz do texto de hoje, do Sermão do Monte como um todo, de Mateus 13 (quando Jesus conta uma série de parábolas sobre o reino) e talvez a citação seguinte também possa ajudar:

“A ordem de Jesus para o seguirmos é uma ordem para alinharmos os nossos amores e anseios com os seus—para querer o que Deus quer, para desejar o que Deus deseja, para ter fome e sede daquilo que Deus tem fome e sede e para desejar ardentemente um mundo no qual ele seja tudo em todos—uma visão que é encapsulada pela abreviatura ‘o reino de Deus.’” (James K. A. Smith, *You Are What You Love*, Brazos Press, 2016, p. 2)

APLICA

1. “O 1% de pessoas mais ricas do mundo arrecadou quase o dobro da riqueza do resto do mundo ao longo dos últimos 2 anos.” ([Fonte](#)) Num mundo que continua teimosamente a não ouvir ou a não praticar o ensino de Jesus, como é que podemos cuidar do nosso coração para não ceder ao amor às riquezas?

2. O desapego que Jesus ensina é, mais uma vez, uma espécie de terceira via: não deixamos que as preocupações quotidianas nos consumam, mas também não caímos na preguiça e no ócio; focamo-nos noutra prioridade - o Reino de Deus.

2.1. Para além das coisas que Jesus refere (roupa, comida, bebida) que aspetos concretos da vida universitária podem causar ansiedade?

2.2. O que significa procurar primeiro o Reino de Deus e a sua vontade no contexto da vida universitária? (Pensem nisto à luz dos estudos do Sermão do Monte feitos até aqui.)

3. A ansiedade está bastante generalizada entre os estudantes universitários (fonte).

3.1. Até que ponto também tens experimentado ansiedade na tua caminhada universitária?

3.2. O ensino de Jesus ajuda-te a enquadrar melhor as tuas preocupações? (Por exemplo, nas entrelinhas Jesus parece sugerir uma prática que consiste em parar os nossos afazeres, contemplar a natureza e reafirmar a nossa condição de criaturas que dependem do cuidado de um Criador bom e benigno: “Olhem para as aves do céu..”, “Reparem como crescem os lírios do campo..”. Será que práticas deste género podem contribuir para reduzir os fatores de *stress* e de preocupação?)

3.3. Ou será que, por algum motivo, o ensino de Jesus torna o teu desconforto ainda maior? (Nota: podes precisar de ajuda para lidar melhor com os fatores que te causam ansiedade; incentivamos a que procures essa ajuda junto de amigos, dos assessores do GBU ou dos teus pastores ou através dos canais próprios de apoio psicológico da tua Universidade.)

Também se pode dar o caso de que, fruto da tua experiência até aqui, possas caminhar com aqueles que sofrem de ansiedade e ser um apoio para eles. Se assim for, ora para que o Senhor te dê atenção, discernimento e capacidade de escuta e de empatia.

Estudo 5 - O essencial

Textos-Bíblicos: Mateus 7:1-14

1 «Não julguem ninguém e assim Deus não vos julgará! 2 É que Deus há de julgar-vos do mesmo modo que julgarem os outros, usando a mesma medida que usarem para os outros. 3 Por que reparas tu no cisco que está na vista do teu semelhante, e não vês a trave que está nos teus próprios olhos? 4 Como te atreves a dizer-lhe: “Deixa-me cá tirar-te isso da vista”, quando tens uma trave nos teus olhos? 5 Fingido! Tira primeiro a trave dos teus olhos e depois já vês melhor para tirares o cisco da vista do teu semelhante.

6 Não deem aos cães o que é santo. Eles são capazes de se virar contra vocês e de vos despedaçar. Não deem as vossas pérolas aos porcos! Pois eles vão pisá-las.»

7 «Peçam e Deus vos dará; procurem e hão de encontrar; batam à porta e ela há de abrir-se-vos, 8 pois aquele que pede, recebe; aquele que procura, encontra; e a quem bate, a porta se abrirá. 9 Qual de vocês que seja pai seria capaz de dar uma pedra ao filho, quando este lhe pedisse pão? 10 Ou quem lhe daria uma cobra quando lhe pedisse peixe? 11 Ora se vocês, mesmo sendo maus, sabem dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o vosso Pai que está no céu dará coisas boas àqueles que lhas pedirem!

12 Façam aos outros tudo aquilo que desejariam que eles vos fizessem. Aqui está o essencial da lei e do ensino dos profetas.»

13 «Entrem pela porta estreita! Pois é larga a porta e espaçoso o caminho que vai dar à perdição e são muitas as pessoas que para ali se encaminham. 14 Mas é estreita a porta e apertado o caminho que vai dar à vida eterna e são poucas as pessoas que o encontram.»

ESPREITA

1. Na versão da BPT, este texto contém muitos verbos no imperativo, ou seja, muitas instruções ou mesmo ordens diretas de Jesus. Identifica essas ordens.
2. O que é que Jesus recomenda àqueles que são céleres a julgar os outros? Como é que Jesus apelida essas pessoas? (Recorda que no Estudo 3 encontrámos repetidamente esse adjetivo!)
3. Nos versículos 7-11, Jesus regressa ao tema da espiritualidade genuína, em particular a prática da oração, à luz da generosidade de Deus. Resume por palavras tuas o que Jesus quer transmitir nestes versículos.
4. Com base no versículo 12, qual é a relação entre o Antigo Testamento e a chamada “regra de ouro”?
5. Qual é a imagem dicotómica que Jesus emprega nos versículos 13 e 14?

PERCEBE

1. À luz dos versículos 1-5, que lugar (se é que há algum lugar) é que a prática do “juízo” pode desempenhar na espiritualidade genuína cultivada pelos cidadãos do reino de Deus?

2. O versículo 6 é de difícil compreensão, tratando-se provavelmente de um ditado popular semelhante àquele que encontramos em Provérbios 23:9. Tendo em conta o tema que antecede este versículo (juízo) e o que o precede (oração), o que é que pode significar “dar aos cães o que é santo” e “dar pérolas aos porcos”? A citação seguinte pode ajudar:

“O mais provável é que o versículo 6 forneça uma transição entre o contexto precedente e o seguinte. Corrigir aqueles que não recebem correção é fútil (vv. 1-5; Provérbios 9:8; 23:9); devemos continuar a oferecer com discernimento a sabedoria (ou a dádiva do reino) apenas àqueles que estão disponíveis para receber o que oferecemos (vv 7-11). Neste caso o texto faz soar uma nota de reciprocidade que é repetida no verso 12. Se o versículo 6 significar algo dentro destas linhas, então ele não permite que antecipemos quem pode receber a nossa mensagem (ver Mateus 13:3-23), mas proíbe-nos que tentemos forçá-la junto daqueles que não mostram qualquer inclinação para a aceitar (Mateus 10:13-16).” (Craig Keener, *Matthew*, IVP New Testament Commentary Series, IVP Academic, 1997, p. 159)

3. Relê os versículos 7-11.

3.1. Que adjetivos é que podemos usar para caracterizar Deus a partir destes versículos?

3.2. Por vezes estes versículos são descontextualizados e colocados ao serviço de uma teologia em que Deus parece obrigado a conceder-nos tudo aquilo que nós queremos, todos os nossos caprichos e desejos (ex. Teologia da Prosperidade). Que elementos destes mesmos versículos e do restante Sermão do Monte dão *nuance* à ideia de que Deus concretiza todos os nossos desejos? (Repara, por exemplo, na expressão “coisas boas” repetida no versículo 11; lembra também que o Sermão do Monte prevê que os cidadãos do Reino sofrem privações e perseguições.)

4. Por vezes espiritualizamos os versículos 13-14 e abstraímos-los do contexto do Sermão do Monte. Contudo, ao comentar estes versículos, Craig Keener diz que “a dificuldade do caminho de Jesus inclui abraçar pelo arrependimento a perseguição e a ética do reino ensinada no Sermão do Monte” (*Matthew*, p. 163). Será que Keener está correto na sua leitura? Em caso afirmativo, que tipo de práticas éticas devemos manter em mente quando pensamos na “porta estreita” e no “caminho apertado”?

APLICA

1. No clima de polarização em que hoje estamos mergulhados há vários movimentos, à esquerda e à direita, que usam o julgamento sumário como estratégia constante. O wokismo tem sido descrito como uma religião sem graça que cancela pessoas sem apelo nem recurso; as direitas nacionalistas empregam também julgamentos generalizados, sem *nuance*, dirigidos a certas faixas da população (imigrantes, por exemplo). Que relevância tem o ensino de Jesus neste clima atual? Como é que podemos ser pessoas e comunidades atentas, em primeiro lugar, às traves nos nossos olhos? Que tipo de impacto é que poderia ter essa prática na nossa sociedade se soubéssemos cultivá-la melhor?

2. No versículo 12 Jesus coloca em justaposição aquilo que gostaríamos que nos fizessem a nós e aquilo que fazemos aos outros. Será que normalmente estas duas coisas coincidem? Faz uma sondagem sincera ao teu coração. Pensa no contexto da Universidade: que tipo de atitudes é que gostas que os teus colegas e professores tenham para contigo? Estás disposto a ter essas mesmas atitudes para com as pessoas à tua volta?

3. Faz uma avaliação do ensino de Jesus no Sermão do Monte até aqui. Quão exigente é *para ti*? Quão “estreita” é a porta e “apertado” o caminho? Mas lembrem-se o Pai que está nos céu dá coisas boas àqueles que pedirem—corações mais sensíveis, transformação, capacitação, o Espírito Santo (cf. texto paralelo em Lucas 11:13). Concluam o estudo orando uns pelos outros para que o Espírito Santo que está em vós vos continue a formar e reformar enquanto cidadãos deste reino belo e singelo!

Estudo 6 - Pseudo-Cátedras

Texto-Bíblico: Mateus 7:15-23

15 «Cuidado com os falsos profetas! Vêm ter convosco como se fossem ovelhas, mas por dentro são lobos ferozes. 16 É pelos seus frutos que os hão de reconhecer. Porventura podem colher-se uvas das silvas ou figos dos cardos?

17 Portanto, a árvore boa dá bons frutos e a árvore má dá maus frutos. 18 Assim pois, uma árvore boa não pode dar maus frutos e uma árvore má não pode dar bons frutos. 19 Toda a árvore que não dá bons frutos corta-se e deita-se ao fogo. 20 Portanto, é pelas suas ações que poderão reconhecer os falsos profetas.»

21 «Nem todos aqueles que me dizem: “Senhor, Senhor!” entrarão no reino dos céus, mas apenas os que fazem a vontade de meu Pai que está nos céus.

22 Quando aquele dia chegar, haverá muitos que me hão de dizer: “Senhor, Senhor, não profetizámos nós em teu nome? Não fizemos numerosos milagres em teu nome? Não chegámos a expulsar demónios em teu nome?” 23 Eu então hei de declarar-lhes: “Nunca vos conheci. Afastem-se de mim, seus malfeitores!”»

ESPREITA

1. Neste texto Jesus alerta os seus pupilos em relação aos pseudo profetas. A que é que são comparados esses profetas (v. 15)? E a que são comparadas as suas ações (vv. 16-20)?
2. De acordo com o texto, qual é o fim destes pseudo profetas (v. 19, v. 23)?
3. Com base nos versículos 21-23, qual é o requisito para a cidadania do reino dos céus? E que tipo de atitudes e de alegados feitos é que são condições insuficientes para obter essa cidadania?

PERCEBE

1. A partir do versículo 15, como é que caracterizarias estes pseudo profetas? Que tipo de adjetivos é que usarias para os qualificar? (Podes ler também o aviso de Paulo à igreja em Éfeso em Atos 20:29-30.)
2. Que bons frutos é que deverão caracterizar os cidadãos do reino de Deus? E, em contraste, que maus frutos é que são produzidos pelos pseudo profetas? Reflitam e conversem sobre isto à luz do Sermão do Monte e, claro, do texto incontornável de Gálatas 5:16-26.
3. Com base no versículo 22, como é que caracterizarias o ministério destes pseudo profetas? Que adjetivos poderias usar para descrever esse ministério? A

partir de um olhar meramente humano, pouco incisivo, como é que poderíamos tender a avaliá-lo? Lê 1 Samuel 16:7 e compara o olhar do Senhor ao olhar humano.

4. “Quando aquele dia chegar...”: a que dia é que Jesus se estará a referir? E com base nos versículos 21-23 que papel é que Jesus reivindica para si mesmo nesse dia? O que é que isto nos diz sobre a identidade de Jesus?

“Os verdadeiros profetas obedecem ao ensino de Jesus. Tal como os falsos profetas de antigamente, aqueles contra os quais Mateus alerta no v. 7:15 provavelmente proclamam um evangelho de falsa paz, um caminho fácil que nega as verdadeiras exigências de Deus. Mateus avisa novamente contra os falsos profetas e os cristãos e líderes apóstatas na igreja (24:12, 48-51)... e podemos suspeitar que Mateus quer que os cristãos da sua própria geração tenham isto na devida atenção.” (Craig Keener, *Matthew*, IVP New Testament Commentary Series, IVP Academic, 1997, p. 164)

5. Ou seja, de acordo com Keener, este texto reflete as preocupações de Mateus enquanto líder da igreja primitiva, enfatizando este ensino de Jesus face à influência de falsos profetas naquelas primeiras comunidades de cristãos. Que tipo de falsos ensinamentos e de más práticas eram promovidas pelos pseudo profetas daquele tempo? Ex. os judaizantes (Atos 15), os proto-gnósticos (1 João), etc.

APLICA

1. Viajando agora de volta ao tempo atual, consegues identificar pseudo profetas na sociedade atual, indivíduos e movimentos que parecem benignos mas que, num olhar mais aguçado, mostram ser como “lobos ferozes”—sejam eles religiosos, políticos ou outras figuras públicas?

2. Ao longo da história da humanidade apareceram muitos movimentos que quiseram realizar utopias sem Deus (podemos até dizer que quiseram realizar o Reino de Deus sem o Rei). Invariavelmente esses projetos deram mau fruto e arderam com o tempo, deixando apenas as cinzas. Reflitam e conversem sobre essas utopias. De que exemplos se lembram? Quem eram os falsos profetas que as lideravam? Porque é que falharam?

3. Será que nas cátedras das universidades modernas também encontramos falsos profetas? Teóricos de uma utopia que parece benigna mas cuja ação é na realidade maligna? Aautos da ética, do direito ou da ciência cuja *praxis* dentro da própria academia está repleta de más ações? Será que isto acontece na tua área de estudos?

4. Ao ser tentado no deserto, Jesus rejeita o show-off e o espetáculo (Mateus 4:5-7). Também nesta passagem, ele indica que os feitos espetaculares, estrondosos, espalhafatosos não são garantia de se conhecer realmente o

Senhor—ainda que se cole um rótulo muito espiritual em letras garrafais, com o melhor design de sempre, e ainda que apareçam em *reels* com milhões de visualizações. Será que nas nossas práticas religiosas tendemos a aceitar aquilo que Jesus rejeitou?

5. [Pessoal] Todos somos tentados e todos estamos sujeitos a cair na pseudo cidadania do Reino de Deus. Lembremos o estudo anterior: é necessário tirarmos a trave do nosso olho... Lê João 15:1-5 e tira um momento para orar a Deus, rogando que possas permanecer unido à videira.

Estudo 7 - Alicerces

Texto-Bíblico: Mateus 7:24-29

24 «Todo aquele que ouve as minhas palavras e as põe em prática pode comparar-se ao homem sensato que construiu a sua casa sobre a rocha. 25 Caiu muita chuva, vieram as cheias e os ventos sopraram com força contra aquela casa. Mas ela não caiu, porque os seus alicerces estavam assentes na rocha. 26 Porém, aquele que ouve as minhas palavras e não as põe em prática pode comparar-se ao homem insensato que construiu a sua casa sobre a areia. 27 Caiu muita chuva, vieram as cheias e os ventos sopraram com força contra aquela casa. Ela caiu e ficou arruinada.»

28 Quando Jesus acabou de pronunciar estas palavras, a multidão estava admirada com os seus ensinamentos. 29 É que ele ensinava como quem tem autoridade e não como os doutores da lei.

ESPREITA

1. Lê o texto cuidadosamente. Jesus estabelece uma comparação entre aqueles que praticam as palavras de Jesus (os sensatos) e aqueles que não as praticam (os insensatos). Esquematiza essa comparação numa tabela ou nouro tipo de esquema visual que te ajude a entender e memorizar este ensino:

Perfil	Escuta as palavras de Jesus?	Pratica as palavras de Jesus?	Constrói sobre que alicerces?	Consequência quando vem a tempestade?
Sensato				
Insensato				

2. Quem é a figura central neste texto? Que palavras ou expressões do texto é que demonstram essa centralidade?

3. O que é que achas que Mateus quer englobar no versículo 28 quando usa a expressão “estas palavras”?

4. Como é que a multidão reagiu ao ensino de Jesus? Porquê? (Nota: a palavra grega que indica que a multidão “estava admirada” é uma forma do verbo *ekpléssó*. Talvez seja importante referir que esta admiração pode ter conotação positiva ou negativa. Para além de poder indicar uma surpresa pela positiva, pode também indicar que a multidão estava em choque, aturdida ou até mesmo em pânico!)

PERCEBE

1. Comenta com espírito crítico esta afirmação à luz do texto base deste estudo: “o processo de cidadania no reino de Deus depende de escutarmos as palavras de Jesus”.

2. À luz do Sermão do Monte, que tipo de tempestades—chuvas, cheias e ventos—é que os seguidores de Jesus experimentam na pele? Em que medida é que praticar as palavras de Jesus neste Sermão constitui uma espécie de seguro (alicerces firmes) para a casa não ruir no dia da tempestade?

A comparação entre sensatos e insensatos, ou entre justos e ímpios, é característica da literatura de sabedoria do Antigo Testamento. Mas aí o critério para distinguir uns e outros é a observação da Lei do Senhor, a Torah (lembrar por exemplo o Salmo 1). Também no final da peregrinação no deserto, Moisés coloca diante do povo as bênçãos e as maldições, “a felicidade e a vida, a desgraça e a morte” (Deuteronómio 30:15) sendo que a condição para a vida é a prática da Lei (v. 14). Neste sentido, os estudiosos reparam que, em Mateus 7, “Jesus refere-se às suas próprias palavras do mesmo modo que outros professores judaicos referem a Lei de Deus” (Keener, *Matthew*, p. 167).

3. Quais as implicações teológicas de Jesus colocar as suas próprias palavras, o seu próprio ensino, a um nível igual ou superior à Torah? O que é que isto nos diz sobre a identidade de Jesus? E em que medida é que isto explica a admiração da multidão?

4. Como é que seria o ensino dos doutores da Lei e como é que ele contrastava com o ensino de Jesus? Podem espreitar Mateus 23 para ajudar a responder.

APLICA

1. Chegámos ao fim do Sermão do Monte. Jesus acabou de pronunciar todas estas palavras. Que emoções e convicções é que este Sermão tem despertado em ti? Partilhas da admiração da multidão? Estás entusiasmado? Ou um bocadinho em choque?

2. [Orem] Estás nesta fase a passar por alguma tempestade? Ou alguém do teu grupo? Talvez algo relacionado com a vida académica? Tirem um momento para orar em intercessão por essa(s) pessoa(s). Se sentirem partilhem e orem em grupo.

3. Mateus escreveu que Jesus “ensinava como quem tem autoridade e não como os doutores da lei”. Que autoridades contemporâneas (se calhar da vida pública e se calhar da academia) é que podemos colocar no lugar dos “doutores da lei”? Faz este exercício e explica as tuas respostas:

Jesus ensinava como quem tem autoridade e não como os _____

4. Conclui o estudo lendo, refletindo e comentando a citação seguinte:

“Jesus pregou o sermão há muito tempo atrás, mas é tão importante para a nossa condição pós-moderna como era para o legalismo dos fariseus. Contudo, temos de compreender que ele fala agora a uma cultura com quadros de referência diferentes. Quando Jesus disse aos ouvintes, ‘ouviram o que foi dito’ eles sabiam que ele se estava a referir à Lei. Mas nas culturas seculares que predominam no Ocidente, não é a Lei o nosso ponto de referência mas a exigência do *eu*. O direito de escolha do indivíduo, até mesmo para se auto-identificar, é sacrossanto. (...)”

A vida enquanto cidadãos do reino hoje traz diferentes desafios. Se o legalismo era um poderoso inimigo religioso a enfrentar naquela altura, o egocentrismo institucionalizado não o é menos hoje em dia. O evangelho de Mateus implica que devemos combater esta realidade da mesma forma que os discípulos foram chamados a combater aquela realidade. Temos de escutar, absorver, orar e praticar as palavras de Jesus. O chamado à auto-negação, a tomar a nossa cruz e a seguir Jesus (Mateus 16:24-26) é um chamado para nós tal como era para eles. Para nós, ser contracultura pode significar que nos despimos a nós mesmos de quaisquer vestígios de auto-absorção, de egotismo e de estarmos centrados nos nossos alegados direitos e reivindicações.

O Sermão do Monte descreve um reino dos céus que existe juntamente com todos os reinos do mundo. Em cada era ele dá origem àquilo que Lesslie Newbigin descreveu como ‘uma nova estrutura de plausibilidade, uma visão das coisas radicalmente diferente daquela que molda todas as culturas humanas não sujeitas ao evangelho’. Trata-se de uma forma de pensar de sentir, de agir e de viver que abraça uma visão da realidade profundamente diferente daquela que encontramos no mundo em que vivemos. E o desafio que isto nos oferece hoje é, em todos os aspetos, tão importante quanto era para aqueles ouvintes do século I no sopé da montanha.” (Elaine Storkey, *Meeting God in Matthew*, SPCK, 2022, p. 54-5)

GBU

Estudos Bíblicos Elaborados
por David Raimundo

© Grupo Bíblico Universitário, 2025

Citações da Bíblia extraídas de a BÍBLIA para todos, Tradução Interconfessional.
Copyright © 1993, 2009 Sociedade Bíblica de Portugal. Usado com permissão.